



# A PESQUISA A/R/TOGRÁFICA NO TERRITÓRIO DA PEDAGOGIA E DAS SENSIBILIDADES

Silvia Sell Duarte Pillotto<sup>1</sup>

Mirtes Antunes Locatelli Strapazon<sup>2</sup>

Rita de Cássia Fraga da Costa<sup>3</sup>

A/R/TOGRAFICA RESEARCH IN THE TERRITORY OF PEDAGOGY  
AND SENSIBILITIES

INVESTIGACIÓN A/R/TOGRAFICA EN EL TERRITORIO DE LA  
PEDAGOGÍA Y LAS SENSIBILIDADES

---

1 Pós-Doutora no Instituto Estudos da Criança na UMINHO, Portugal. Professora no PPGE Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação. <http://lattes.cnpq.br/3787447361829087> . <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>. E-mail: pillotto0@gmail.com .

2 Doutoranda no PPGPCS Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, SC, Brasil. Vice-líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação. <http://lattes.cnpq.br/3787447361829087> . <https://orcid.org/0000-0002-2995-3097> . E-mail: mirteslocatelli@gmail.com .

3 Doutoranda no PPGPCS Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, SC, Brasil. Pesquisadora voluntária no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação. <http://lattes.cnpq.br/6669864266136618> . <https://orcid.org/0000-0002-7276-7863> . E-mail: ritadacosta08@gmail.com.

## RESUMO

A pesquisa *A/r/tográfica no território da pedagogia* tem como objetivo pensar a *A/r/tografia* como metodologia de pesquisa no contexto de um curso de Pedagogia, compreendendo o papel do artista/pesquisador/professor e dos acadêmicos, como (inter)locutores nos processos de criação e (re)invenção artísticos e culturais. A metodologia tem abordagem *A/r/tográfica*, tendo como fio condutor três Oficinas Estéticas desenvolvidas ao longo de um semestre. A escolha se deu pela nossa vontade de partilhar experiências com acadêmicos de Pedagogia, mobilizadas pela música, modelagem e artesanato, campos que se conectam com nossas formações enquanto artistas/pesquisadoras/professoras. O que nos impulsionou a escolha temática e a metodologia foi o entendimento de que em um processo formativo, as narrativas nos educam e nos movem a (re)inventar o já inventado. A arte em sua amplitude e complexidade possibilita a apropriação da realidade e a nossa potência imaginária. A produção de dados foi ancorada em narrativas sonoras, visuais e corporais, tendo como fundamento conceitual/metodológico, a análise interpretativa, traduzidas em atitudes e maneiras de ser e de pensar. Os processos/resultados nos indicaram que os (inter)locutores, acadêmicos de Pedagogia, compreenderam o sentido da formação como viagem itinerária por meio das Artes e das sensibilidades. As Oficinas Estéticas potencializaram o estar junto e os percursos formativos numa construção identitária, ética e estética.

Palavras-chave: Estética (artes). Artes. Criação artística. Arte-educação.

#### ABSTRACT

The research A/r/tographic in the territory of pedagogy aims to think the A/r/tography as a research methodology in the context of a Pedagogy course, understanding the role of the artist/researcher/teacher and academics, as (inter)speakers in artistic and cultural (re)invention and creation processes. The methodology has an A/r/tographic approach, with three Aesthetic Workshops developed over a semester. The choice was made by our desire to share experiences with Pedagogy academics, mobilized by music, modeling and craftsmanship, fields that connect with our training as artists/ researchers/ teachers. What drove us to thematic choice and methodology was the understanding that in a formative process, narratives educate us and move us to (re)invent the already invented. Art in its breadth and complexity enables the appropriation of reality and our imaginary power. The production of data was anchored in sound, visual and body narratives, having as conceptual/ methodological basis, the interpretative analysis, translated into attitudes and ways of being and thinking. The processes/ results indicated that the (inter)speakers, Pedagogy academics, understood the sense of training as an itinerary journey through the Arts and sensibilities. The Aesthetic Workshops potentiated the being together and the formative paths in an identity, ethical and aesthetic construction.

Keywords: Aesthetic (arts). Arts. Artistic creation. Art-education.

#### RESUMEN

La investigación A/r/tográfica en el territorio de la pedagogía tiene como objetivo pensar la A/r/tografía como metodología de investigación en el contexto de un curso de Pedagogía, comprendiendo el papel del artista/investigador/profesor y de los académicos, como (inter)locutores en los procesos de creación y (re)invención artística y cultural. La metodología tiene enfoque A/r/tográfica, teniendo como hilo conductor tres Talleres Estéticos desarrollados a lo largo de un semestre. La elección se dio por nuestra voluntad de compartir experiencias con académicos de Pedagogía, movilizadas por la música, modelado y artesanía, campos que se conectan con nuestras formaciones como artistas/investigadoras/profesoras. Lo que nos impulsó la elección temática y la metodología fue el entendimiento de que en un proceso formativo, las narrativas nos educan y nos mueven a (re)inventar lo ya inventado. El arte en su amplitud y complejidad posibilita la apropiación de la realidad y nuestra potencia imaginaria. La producción de datos fue anclada en narrativas sonoras, visuales y corporales, teniendo como fundamento conceptual/ metodológico, el análisis interpretativo, traducidas en actitudes y maneras de ser y de pensar. Los procesos/resultados nos indicaron que los (inter)locutores, académicos de Pedagogía, comprendieron el sentido de la formación como viaje itinerante por medio de las Artes y de las sensibilidades. Las Oficinas Estéticas potenciaron el estar junto y los recorridos formativos en una construcción identitaria, ética y estética.

Palabras clave: Estético (artes). Artes. Creación artística. Arte-educación.

### Percursos A/r/tográficos – introdução

A pesquisa A/r/tográfica no território da Pedagogia foi realizada em um núcleo de pesquisa vinculado a uma universidade, que tem se dedicado há quase duas décadas ao estudo de questões referentes às sensibilidades, com ênfase em investigações articuladas ao ser artista/pesquisador/professor.

Importante destacar que somos três pesquisadoras de campos diferentes – música e artes visuais, atuando como docentes no contexto da Pedagogia, (entre)laçados nas artes e no fazer artístico, investigativo e educativo.

O campo de pesquisa aconteceu com a (inter)locução de 21 acadêmicos do segundo ano de Pedagogia, durante um semestre, tendo como foco 3 Oficinas Estéticas, que integraram o componente curricular da matriz do referido curso, intitulado: Linguagem da arte na infância.

A escolha pela A/r/tografia se deu ao seu modo fluído e dinâmico, a começar pela própria nomenclatura, que é traduzida do termo *A/r/tography*, reunindo A de *Artist*, R de *Researcher*, T de *Teacher* e *Graph* de grafia (DIAS, 2013). O conhecimento produzido por meio das artes e suas possibilidades visuais e sonoras, a partir de territórios, objetos e sujeitos, são construções subjetivas em uma pedagogia estética/ética/cultural.

Deste modo, as proposições das Oficinas Estéticas foram criadas em/na/com Artes, numa conexão indivisível entre o pensar/fazer, que pôde descortinar a vida gerando conhecimentos em conteúdos sensíveis. Com a marca da interdisciplinaridade, a A/r/tografia busca por novos conceitos e significados, articulando metodologias de pesquisas qualitativas, numa contínua disposição reflexiva. São atravessamentos em que o eu artista/pesquisador/professor, conjuntamente com o outro, mobilizam conexões com outros campos de sentidos e saberes.

A potência das experiências estéticas nas ações do professor/criador,

reflete também em suas relações em comunidade. Nesse viés, os desdobramentos de uma pesquisa A/r/tográfica, não visam um tipo de conhecimento único e específico, cujos resultados estão condicionados a previsibilidade. Ao contrário, a partir de uma percepção expandida, busca outros modos de pensar/fazer educação pelo sensível.

A partir dessas premissas, o objetivo deste estudo e experiência foi compreender o papel do artista/pesquisador/professor e dos acadêmicos como (inter)locutores nos processos de criação e (re)invenção artísticos/culturais. O artigo aqui apresentado traz três sessões e as conclusões, no intuito de compartilhar com o leitor, inquietações reflexivas e a articulação da pesquisa A/r/tográfica no território de um curso de Pedagogia.

A sessão - **Territórios práticos/teóricos da/na Pedagogia**, problematiza as artes e as sensibilidades na formação do Pedagogo, reiterando a importância de uma educação estética/ética, especialmente para quem atua na/com as infâncias. Além disso, há que se questionar a ausência ou quase omissão das artes no currículo dos cursos de Pedagogia e suas implicações na ação docente.

Na sequência, **A/r/tografia – lugar de fazer/refletir artes na Pedagogia**, apresenta a relação do fazer/refletir com as narrativas de três Oficinas Estéticas - música, modelagem e artesanato, desenvolvidas no território da Pedagogia e articuladas ao nosso papel de artistas/pesquisadoras/professoras. Tais linguagens artísticas/culturais se conectam ao fazer/pensar as artes nos conceitos da A/r/tografia, trazendo a relevância das sensibilidades e da educação estética nas práticas educativas vigentes.

Na sessão - **As sensibilidades atravessadas na ação poética**, reiteramos a importância da educação estética na formação do pedagogo e as narrativas dos acadêmicos (inter)locutores do curso, destacando conceitos e diálogos constituídos sobre/nas sensibilidades. As narrativas potencializaram as experiências e nossa atuação/atitude como artistas/pesquisadoras/professoras.

Por fim, **Conclusões (in) completas, porque o percurso continua**, traz alguns fragmentos dos processos/resultados, enfatizando as narrativas e os múltiplos papéis assumidos na pesquisa - o de artistas/pesquisadoras/professoras e dos (inter)locutores/acadêmicos, enfatizando sempre o de aprendizes. Afinal, a nutrição estética/ética mobiliza nosso desejo de criar, deixando rastros que se desdobram em territórios de sensibilidades; talvez seja essa nossa contribuição para as infâncias de modo direto ou indireto. Essa pesquisa/experiência com ênfase na poética/ética/estética, nos mostrou a relação potente entre teoria/prática, docência/vida, artista/pesquisador.

### **Territórios práticos/teóricos da/na Pedagogia**

Iniciamos essa sessão com a seguinte questão: é preciso (re)pensar a inserção das artes e das sensibilidades nos currículos de Pedagogia, uma vez que temos observado em ações formativas, uma reduzida presença no que se refere às artes e seus desdobramentos interdisciplinares.

Muitos estudos sobre infâncias e formação do pedagogo têm sido pauta de autores, como: Albuquerque (2013), Martins e Lombardi (2015), Momoli e Egas (2015), Araújo (2015), Gomes (2017), Gatti e Barreto (2009), Gatti (2010), Ostetto e Silva (2018), entre outros. Embora essas pesquisas nos apresentem um cenário da inserção das artes e das sensibilidades nos cursos de Pedagogia, nossas experiências na formação de professores e na docência, sinalizam fragilidades e por vezes, ausência das artes e das sensibilidades na Pedagogia.

Verificamos nas formações continuadas, que os professores têm dificuldade com ações que integram a ludicidade, as expressões sonoras, corporais, visuais, silenciadas em suas vidas adultas. As palavras de Gomes (2017, p. 7-8), reiteram o que temos presenciado:

[...] os campos de conhecimento, de experiências, as linguagens expressivas e as culturas da infância que caracterizam a organização do trabalho educativo e pedagógico na educação infantil, assim como as dimensões da educação e dos cuidados estão dispersos ou não estão contemplados explicitamente na maioria dos cursos pesquisados.

Ao destacarmos o campo das artes e das sensibilidades na formação sensível do pedagogo, propomos uma educação estética, capaz de cultivar a potência nas relações com o outro e consigo mesmo, como afirma Birck (2021, p. 2):

[...] é no campo artístico, com a poesia, a música, as pinturas e as cenas de um filme, que se oportuniza o despertar da sensibilidade para os fenômenos humanos, seja bela ou trágica, tranquilizadoras ou inquietantes, pois revelam facetas e características próprias de cada ser humano. A formação ampla, sensível, rigorosa, crítica e principalmente inconclusa deve ser a meta dos espaços próprios de formação.

Fomos então provocadas com a A/r/tografia a vislumbrar possibilidades de mudanças, abarcando as linguagens/expressões das artes e das sensibilidades com acadêmicos (inter)locutores, que partilharam suas percepções. Trazer uma nova oportunidade de formação com as experiências estéticas como elo interdisciplinar, pôde abrir novas perspectivas do olhar sensível para a vida e conseqüentemente para as infâncias.

Uma problematização ainda presente no interior das escolas, traz a presença de murais e salas decorativas, reproduções/cópias de imagens, o uso inadequado da música, da dança e do teatro em apresentações festivas, entre tantas outras. Essas, impedem ou reduzem os processos de criação e os imaginários de crianças e adultos. Pois como afirma Vianna (2012, n.p) são atividades que parecem “ser o habitat natural dos



estereótipos, um terreno fértil onde vicejam e se reproduzem à exaustão, sob o pretexto ou a ilusão de tornar o ambiente ou a aprendizagem mais atraente, agradável, interessante para a criança”.

Como artistas/pesquisadoras/professoras que somos, defendemos uma educação pelo sensível, na qual as artes e as sensibilidades são caminhos para a construção de pessoas éticas, críticas e partícipes da sociedade. Elegemos o fazer/refletir, pautado na estética e nas relações afetivas. Para que isso ocorra na docência com as infâncias, é imprescindível

[...] reconhecer-se e descobrir sua musicalidade, sua possibilidade criadora, acreditar, enfim, que é possível (e urgente) fazer educação com alegria, cores, sons, movimento. É preciso articular razão e emoção para podermos acompanhar as tantas crianças que estarão junto conosco na aventura que é ensinar e aprender. É essencial recuperar nossa dimensão criadora, inventiva, brincalhona, ‘cantante’, ousada, aventureira, corajosa (LEITE; OSTETTO, 2004, p. 93-94).

Atualmente há uma tendência de relacionar prática/teoria ou teoria/prática, envolvendo o fazer/saber/fazer em práticas educativas e como diz Martins (2021, p. 231), “estudar, escrever, ler perguntando... Escrita em forma interrogativa... É isto que nos move como eternos aprendizes”. E nesse aspecto a A/r/tografia pode contribuir para uma pedagogia estética/poética/cultural.

### **A/r/tografia – lugar de fazer/refletir artes na Pedagogia**

Como dito anteriormente, os cursos de Pedagogia nas últimas décadas avançaram em alguns aspectos curriculares, dando destaque a componentes que buscam conexões com as artes e com as sensibilidades, diminuindo a distância entre teoria e prática.



No entanto, ainda temos muito a conquistar, desbravando territórios com práticas que se sustentam em uma educação estética. Esse foi o movimento do componente curricular: *Linguagens da arte na infância*, vinculado a matriz curricular da Pedagogia em uma universidade comunitária com 21 acadêmicos (inter)locutores.

Portanto, optamos em mudar algumas rotas pré-estabelecidas nas práticas educativas, a fim de refletir sobre a experiência estética como mola propulsora, capaz de possibilitar descobertas sobre nossas práticas e sobre o que essas podem implicar no encontro com o outro – acadêmico (inter)locutor.

Deste modo, as três Oficinas Estéticas constituíram-se em encontros, nos quais criamos e (re)inventamos fazeres reflexivos que nos nutriam esteticamente. Um deslocamento coletivo, potencializado pelo pensar/sentir. Tornávamos plurais, uma integração de si com o grupo, uma relação de partilhas sensíveis, atravessadas pelo processo investigativo (RANCIÈRE, 2005).

Para o desenvolvimento das Oficinas Estéticas, contamos com a A/r/tografia, numa atitude de “ser/estar no mundo” (IRWIN, 2013, p. 157). A pesquisa A/r/tográfica em seus processos, seus modos e métodos de condução, acontece num constante tornar-se; numa relação viva com a pesquisa, modificando percepções e conhecimentos (IRWIN; SPRINGGAY, 2013). É ainda uma “teoria entendida como um intercâmbio crítico que é, reflexivo, responsivo e relacional, que está em contínuo estado de reconstrução e conversão em outra coisa” (IRWIN; SPRINGGAY, 2013, p. 139).

A A/r/tografia reside neste espaço intercorpóreo de imprevisibilidades e nos desafiam a alcançar os saberes que estão em outras dimensões das linguagens artísticas ou até mesmo fora delas (IRWIN; SPRINGGAY, 2013). Por isso, as Oficinas Estéticas foram para nós, práticas desafiadoras que levaram ao encontro dos saberes. Proposições que mesmo consolidadas na fundamentação teórica não deixam de ser (trans)formadoras, pois

são ações/reflexões que remeteram à experiência estética/ética e ao acontecimento. A seguir, apresentamos alguns fragmentos das Oficinas Estéticas, potencializadas pelas sensibilidades.

A Oficina Estética: *Musicalização e práticas educativas na Pedagogia*, abordou objetos, corpos e sonoridades, que se (trans)formaram em uma sala de música. Os acadêmicos (inter)locutores foram divididos em três pequenos grupos e a cada um deles, foram entregues materiais, como: algodão, pedra e borracha, passando de mão em mão para ser tateado com os olhos fechados e ao som da música instrumental – *Singela Graça* (STRAPAZZON, 2020), tocada repetidamente.

O campo da escuta se encontrava entre silêncios e sons, que perpassavam pelas vozes, sussurros, sons do teclado e outras pausas dos próprios acadêmicos (inter)locutores, enquanto tateavam e sentiam os objetos. A escuta da música instrumental – *Singela Graça*, sem a visualidade dos acadêmicos (inter)locutores da experiência, foi a condutora para a memorização da melodia tocada.

Copland (2014, p. 25) sobre essa questão nos diz que para ouvir música basta “[...] entregar-se totalmente ao próprio prazer do som. Esse é o plano do sensível, [...] em que nós ouvimos música sem pensar, sem tomar muita consciência disso [...]”. O autor também considera que a “[...] mera percepção do som já é capaz de produzir um estado mental que não é menos atraente por ser desprovido de ideias” (COPLAND, 2014, p. 25).

Ao final da experiência, os objetos foram recolhidos sem que os acadêmicos (inter)locutores ainda os vissem, e foi solicitado a cada grupo que narrassem sobre as impressões táteis e sonoras do objeto tateado. Na sequência, pedimos que escrevessem uma pequena história sobre suas percepções, conectadas ao imaginário. Após a criação da história, o desafio dos acadêmicos (inter)locutores foi cantá-la com a melodia instrumental. A música instrumental foi tocada por mais duas vezes; eles já sabiam cantarolar a melodia, pois já a tinham captado em seus

sentidos/memória.

Nesse aspecto, a música como uma linguagem cultural faz parte de nosso cotidiano, pois o vivenciar/escutar uma música, traz familiaridade às suas características e organização sonora, tornando-a significativa para nós (PENNA, 2015).

Os acadêmicos (inter)locutores diziam: *não sei tocar nem ler partitura, mas criamos uma história para essa música que não tinha letra e agora tem!* (Acadêmica A). Outro comentou: *como essa música (melodia) ficou martelando na minha cabeça, não sei direito cantar a história que criamos, mas sei cantarolar a melodia no la la la.* (Acadêmico B).

O movimento narrativo dos acadêmicos (inter)locutores, elucida as percepções sensíveis, musicais e de visão de mundo, que se atravessaram no objetivo principal da musicalização. Nesta, a “música é o material para um processo educativo e formativo mais amplo, dirigido para o pleno desenvolvimento do indivíduo, como sujeito social.” (PENNA, 2015, p. 49).

Esta Oficina Estética nos sinalizou que a musicalização é uma expressão criativa. Neste caso, por meio dos elementos sonoros da sala de música, “rompendo o divisor social entre espectadores e criadores [...]”, bem como o processo de (re)invenção da música ouvida, que para Penna (2015, p. 48) significa “recriar a própria música é possuí-la ativamente”.

A Oficina Estética: *Modelando sensibilidades*, tratou das questões tridimensionais, utilizando a argila e o corpo como caminhos para o fazer/sentir/pensar a partir das artes. No campo da percepção tátil, os acadêmicos (inter)locutores vivenciaram o modelar a argila, apalpando, agrupando, separando e juntando, estimulando ao mesmo tempo o sentido do tato e da relação corpo e espaço. Após o primeiro contato com a organicidade da argila, foram encorajados por nós, a criar uma produção artística, ativando suas potencialidades de (re)invenção.

A experiência criadora mobilizou o sensorial, o racional e o sensível, conectando a ação criativa/emocional e o pensamento (KRAUSS, 2010).

A maleabilidade da argila possibilitou a experiência tátil e cinestésica, impulsionando aos acadêmicos (inter)locutores a expressão de percepções de mundo e de sensibilidades, dita em uma das falas: *foi a primeira vez que tive contato com a argila. Senti uma vibração antes não experimentada...um misto de estranheza com vontade de fazer algo meu! E então pensei em como a modelagem é essencial na vida das crianças e na minha também* (Acadêmico C). E na sequência, outra acadêmica comentou: *mexer com argila despertou sensações esquecidas! Lembrei de minha infância e o quanto era liberta para criar. Pensamento e imaginação faziam parte do dia a dia.* (Acadêmica D).

As narrativas dos acadêmicos (inter)locutores se conectam à afirmação de Krauss (1998, p. 6) ao dizer que a tridimensionalidade “é um meio de expressão peculiarmente situado em junção entre repouso e movimento, entre o tempo capturado e a passagem do tempo”. Assim nos sentimos durante todo o processo, um pouco de quem fomos, de quem somos e de quem talvez possamos ser.

Ao encerrar esta Oficina Estética, organizamos uma exposição com a apresentação das poéticas realizadas pelos acadêmicos (inter)locutores e uma roda de conversa, destacando suas narrativas. Para nós artistas/pesquisadoras/professoras, compor essa multiplicidade de papéis, possibilitou refletir que “o ser é uma singularidade entre outras, não é nem particular nem universal, mas próprio a si mesmo” (IRWIN, 2013, p. 156).

Na Oficina Estética: *Artesaniando a vida*, a proposição subsidiou uma interação dialógica, ao sugerirmos aos acadêmicos (inter)locutores, que criassem um pequeno quadro têxtil com uma imagem de si - como um retrato autobiográfico. Esta artesanaria, reflexão/ação, do fazer/saber/sentir, desde o processo artesanal até seu produto final (o objeto artesanal), possibilitou a reflexão da expressão identitária acerca da (re)significação das memórias. Nesta dinâmica, o artesanariar pode ser compreendido como uma ação de

[...] intrínseca necessidade de entrega ao fazer, ao se aventurar a construir (memória), ao experimentar com a integralidade de seus sentidos (percepção) e à disponibilidade do diálogo com o objeto desenvolvido e através deste (imaginação) (COSTA, 2019, p. 39).

Ao artesaniar a imagem de si, os acadêmicos (inter)locutores experienciaram novos formatos de fazer/sentir, estabelecendo relações outras diante do mundo. Um engajamento assumido como pedagogo e artista, como ser “singularmente plural” (IRWIN, 2013, p. 158). Conexão presente na fala da (inter)locutora Acadêmica E: *Após essas experiências nas artes e artesanias, as quais nunca havia tido antes, gerou em mim uma motivação para desenvolver futuramente oficinas estéticas com crianças. Sem dúvida foi despertado um interesse por conhecer mais esse mundo da arte, da artesanaria e da estética; posso dizer que tudo serviu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, em especial, habilidades, como: criar, recriar e imaginar.*

Esta Oficina Estética, na dimensão prática artística/cultural como meio educativo, teve caráter de (re)invenção e formação de si dos acadêmicos (inter)locutores, nutridos pelo “discernimento sensível, processo cognitivo que ocorre simultaneamente com a percepção, atenção, memória e imaginação” (MEIRA, 2014, p. 55).

A Oficina Estética foi encerrada com uma roda de conversa interativa, compartilhada com as apresentações em/entre têxteis. As sensibilidades foram referencias para os processos de criação, questionamentos, reflexões e o fazer/pensar/sentir, dos acadêmicos (inter)locutores, que perceberam “inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento” (DIAS, 2013, p. 24).

Apartir das três Oficinas Estéticas aqui apresentadas, as proposições experienciadas, articuladas aos conceitos da A/r/tografia e no (entre) laçamento do fazer/pensar artes, foram bases para compreendermos que

o conhecimento prático/teórico com as linguagens das artes, revelam a importância da educação estética/ética e das sensibilidades.

### **As sensibilidades atravessadas na ação poética**

As sensibilidades são atravessadas pela ação poética acompanhadas de gestos, sonoridades, fazeres/sentires e silêncios. São presenças de estar no mundo, inscrevendo nossas sensações e memórias, traduzidas em corpo/espço. Constituem-se em saberes estéticos, celebrados em sintonias poéticas, encontro entre o eu e o outro, em ritmos de passagens imprevisíveis. Deslocamentos evocados pela desestabilização; assim foram nossas Oficinas Estéticas.

Nesse lugar encontra-se a educação estética, que tem como premissa contribuir na formação de sujeitos “[...] capazes de viver numa comunidade política livre” (RANCIÈRE, 2009, p. 39). Deste modo, o pensamento configura-se em algo, pois o modo estético do pensamento é “[...] bem mais do que um pensamento da arte. É uma ideia do pensamento ligada a uma ideia da partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009, p. 68). São pensamentos que provocam a sensibilidade e processos imagéticos, que se expandem na escuta, na contemplação, na estranheza e em outras tantas formas de ser.

Para Kovadloff (2003, p. 15) o pensamento “mais fundo e independente que a razão, abre-se ao encontro com tudo aquilo que o supera e recolhe em seus enunciados a intensidade deste contato” com a arte, com o outro e consigo mesmo. Dito de outro modo, a sensibilidade não se reduz ao pensamento simplesmente, mas ao que o move e aos processos de criar que o viabiliza.

Nas Oficinas Estéticas com os acadêmicos (inter)locutores, percebemos a presença da música, da modelagem e da artesanaria como captura da vida, ou como nos diz Meira (2009, p. 122), onde a arte “se esconde ou se camufla para o olhar, mesmo nas coisas banais e simples”.



A educação estética, portanto, conecta “arte e vida, onde o conhecer, o fazer, o expressar, o comunicar e o interagir instauram práticas inventivas a partir das vivências de cada um”. O pensamento, sobretudo,

Não se diz em verdade, ele se exprime em veracidade. Ele se divide, ele se relata, ele se traduz por um outro que fará, para si, um outro relato, uma outra tradução, com uma única condição: a vontade de comunicar, a vontade de adivinhar o que o outro pensou e que nada, afora seu relato, garante que nenhum dicionário universal explica como deve ser entendido. A vontade adivinha a vontade. (RANCIÈRE, 2015, p. 93).

Nas narrativas dos acadêmicos (inter)locutores as histórias vividas ou imaginadas nos aproximaram pelas experiências e sentidos, se recusando a uma única significação. Tratamos dos múltiplos movimentos de pensares e sentires, pois como afirma Martins (2014, p. 65-66) “no ato da criação, as palavras virando histórias saem de dentro de nós” e se completam no outro.

É possível dizer que estávamos nas Oficinas Estéticas “invertendo a lógica do sistema explicador. A explicação é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender” (RANCIÈRE, 2015, p. 23). O que nos interessava naquele momento era cultivar a “abertura permanente de entrada de sensações, de impressões e interações” (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 28).

Estar abertas às possibilidades, cabe também a condição de artistas/pesquisadoras/professoras, validando experiências, descobertas e confiando nas pistas que nos foram dadas. Uma espécie de enigma, que potencializou a reflexão constante do fazer/pensar nossos e dos acadêmicos (inter)locutores.

O artista/pesquisador/professor mobiliza os estudantes, apresentando-lhes um universo imagético e poético em que a criação e a invenção



se fazem presentes na expressão e nos modos de viver. Joga com as palavras, poetizando com os estudantes quando os convidam à fala e à expressão (LAMPERT, 2009).

Esse processo caracteriza-se por uma experimentação estética das coisas do mundo e do mundo da educação. O artista/pesquisador/professor nesse contexto, se afasta de modelos preestabelecidos, abrindo espaço para a criação pedagógica; trata-se de um movimento/arte que extrapola o conhecimento pedagógico. Se afasta da função representativa, ultrapassando os limites disciplinares impostos por vezes numa educação/caixa.

Um criador performático é o artista/pesquisador/professor, que está sempre a inventar e (re)inventar em fronteiras indeterminadas, pois à docência/pesquisa constitui-se de uma condição múltipla de coletividade. Portanto, um dos papéis do artista/pesquisador/professor está em contribuir com a educação, problematizando o fazer pedagógico/estético/ético. Entende quais efeitos produzem e de que maneira o que propõe pode efetivamente (trans)formar o universo das possibilidades na ação de ensinar e de aprender (RANCIÈRE, 2009).

### **Conclusões (in)completas, porque o percurso continua**

Ao revisitar o objetivo: pensar a A/r/tografia como metodologia de pesquisa no contexto de um curso de Pedagogia, compreendendo o papel do artista/pesquisador/professor e dos acadêmicos como (inter)locutores nos processos de criação e (re)invenção artísticos e culturais, muitas foram as pistas e efeitos encontrados durante o percurso das Oficinas Estéticas.

Na A/r/tografia é possível ecoar a percepção poética e atitude ética como postura diante da vida. Uma estética/ética da existência, que potencializa a nossa voz e dos (inter)locutores, abrindo fissuras nos campos da escola, da universidade e de espaços não formais da educação, possibilitando

(trans)formações e novos modos de ver/sentir a vida.

Nosso papel como artistas/pesquisadoras/professoras foi ancorado na vontade de multiplicar fazeres/sentires nas linguagens/expressões das artes, em práticas (Oficinas Estéticas), que traduziram também paisagens da cultura contemporânea em diferentes formas de investigar/refletir.

As experiências estéticas foram permeadas por gestos poéticos, sustentados numa qualidade que fortaleceu a intensidade existencial, por meio dos processos de criação e (re)invenção das realidades e do imaginário de cada um e de todos numa ação colaborativa. Afinal, é importante de ser dito, o gesto poético instaura outros modos de pensar/sentir.

Deste modo, os processos/resultados nos indicaram que os acadêmicos (inter)locutores de Pedagogia, compreenderam por meio das sensibilidades o sentido da formação como viagem itinerária com territórios e pessoas outras. As Oficinas Estéticas potencializaram o estar junto e os percursos formativos numa construção identitária/estética/ética.

Na condição de artistas/pesquisadoras/professoras, interagimos com nossos pares, tonificando sentidos, vínculos afetivos e sensibilidades, atravessadas por sensações. As experiências se configuraram em expressividade poética, que traduziu não somente o que é visível, mas sobretudo o que em nós é indizível e por vezes, se esconde em lugar ainda não conhecido. As artes como afirma Haar (2000, p. 6) podem ser “*um corpo, auto-referenciado, uma junção insubstituível e sutil, composta segundo a vocação de cada arte, de pedra ou de cores, de sonoridades musicais*”.

As Oficinas Estéticas aconteceram no limiar entre nossas visões preestabelecidas e imediatas e nossa vontade de criar aberturas para acolher outros modos de pensar/sentir. Foram tensões que permitiram também a autorreflexão sobre nossas práticas educativas e quais contribuições à pesquisa/educação pode imprimir movimentos de mudanças em nós e no outro.

## Referências

ALBUQUERQUE, Moema Helena Koche de. **Formação docente para educação infantil no Brasil: configurações curriculares nos cursos de Pedagogia**. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. A formação em arte nos cursos de pedagogia em Goiás. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd*, 37., 2015, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...] Florianópolis: UFSC, 2015. p. 1-13. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-4307.pdf> . Acesso em: 28 set. 2022.

BIRCK, Rosemeri. Ensino da arte em cursos de pedagogia: a busca pela formação humana. **Revista Acta Scientiarum - História e filosofia da educação**, [S.l.], v. 43, e54923, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/54923> . Acesso em: 27 set. 2022.

COPLAND, Aaron. **Como ouvir e entender música**. [Tradução Luiz Paulo Horta]. 2. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

COSTA, Rita de Cássia Fraga da. **Artesania: formação cultural, construções identitárias e experiências sensíveis na terceira idade**. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2019. Disponível em: [https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita\\_de\\_Cassia\\_Fraga\\_da\\_Costa.pdf](https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/1502804/Rita_de_Cassia_Fraga_da_Costa.pdf) . Acesso em: 12 set. 2022.

DIAS, Belidson. *A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes*.

In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 21-26.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 11-15., out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GOMES, Marineide de Oliveira. O lugar da formação de professores de educação infantil em cursos de pedagogia: formação menor para o trabalho com crianças pequenas? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais eletrônicos** [...] São Luís: UFMA, 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files> . Acesso em: 28 set. 2022.

HAAR, Michel. **A obra de arte: ensaio sobre a ontologia das obras**. [Tradução Maria Helena Kühnner]. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (Coleção Enfoques - Filosofia)

IRWIN, Rita L. Comunidades de prática a/r/tográfica [Tradução Luiza Gunther] In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 155-167.

IRWIN, Rita L.; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de pesquisa baseada na prática. [Tradução Tatiana Fernandez] In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa educacional baseada em arte:**

a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 137-154.

KOVADLOFF, Santiago. **O silêncio primordial**. [Tradução de Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral]. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

KRAUSS, Rosalind. **Caminhos da escultura moderna**. [Tradução Julio Fischer]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

KRAUSS, Rosalind. **Perpetual inventory**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2010.

LAMPERT, Jocielle. **Arte contemporânea, cultura visual e formação**. Docente. Tese (Doutorado em Artes Visuais), Escola de Comunicação e Artes, USP. São Paulo: USP, 2009.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte, infância e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste. De ponta-cabeça: descobrir percepções sensíveis pelos olhos de aspirantes a professores. **Revista Gearte**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 226-252, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4GEFgn6kmD0J:https://www.seer.ufrgs.br/gearte/article/viewFile/117500/63976&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> . Acesso em: 10 set. 2022.

MARTINS, Mirian Celeste. **Pensar juntos mediação cultural**: [entre]laçando experiências e conceitos. 1. ed. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado dos Santos. A arte na pedagogia e a formação do professor para educação infantil e anos iniciais: inquietações e esperanças. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo,

v. 6, n. 2, p. 23-36, maio/ago. 2015. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sfw\\_zqceEaMJ:https://www.seer.ufrgs.br/gearte/article/viewFile/117499/63973&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sfw_zqceEaMJ:https://www.seer.ufrgs.br/gearte/article/viewFile/117499/63973&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br) . Acesso em: 10 set. 2022.

MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaler (org.). **Arte/Educação**: ensinar e aprender no ensino básico. Joinville: Editora da Univille, 2014. p. 53-62.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. v.4, 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MOMOLI, Daniel; EGAS, Olga. A dimensão estética na formação dos pedagogos. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 59-74, maio/ago. 2015.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; SILVA, Greice Duarte de Brito. Formação docente, Educação Infantil e arte: entre faltas, necessidades e desejos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [on-line], v. 15, n. 41, p. 260-287, 2018. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2238-12792018000400260&lng=pt&nr=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-12792018000400260&lng=pt&nr=iso). Acesso em: 28 set. 2022.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. [Tradução Mônica Costa Netto]. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. [Tradução Lilian do Valle]. 3. ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Singela Graça**. Composição para piano. Joinville, 2020.

VIANNA, Maria Letícia Rauen. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? **Revista Advir**. Rio de Janeiro, n. 5, [n.p], 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/36972093>. Acesso em: 20 set. 2022.

Artigo submetido em: 08/10/2022

Aceito em: 17/12/2022